

**( X ) Graduação ( ) Pós-Graduação**

**PET CONSCIENTIZA: Cultura e resistência indígena**

**Vanessa Garcia**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
vanessa.garciaufms@gmail.com

**Marta Helena de Ávila**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
martahavila44@gmail.com

**Maria das Graças Fernandes de Amorim dos Reis**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
gracas.reis@ufms.br

**Nilda de Andrade da Costa dos Santos**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
nildaandrade01@hotmail.com

**Jennyffer Halinne Garcia Venâncio da Silva**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
jennyfferhalinnegvs@gmail.com

**RESUMO**

O presente relato objetiva apresentar a atividade “PET Conscientiza: Cultura e Resistência Indígena” do Grupo PET Pedagogia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), câmpus Naviraí. A ação, articulando ensino, pesquisa e extensão, foi realizada a partir de um encontro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Sociedade e Políticas (GEPESP); uma visita ao Tekoha Mboreviry, em Naviraí; um encontro do Cine PET; bem como uma entrevista com uma acadêmica, indígena da etnia Guarani/Kaiowá, do curso de Pedagogia na UFMS/CPNV; além de postagens nas redes sociais do Grupo. Os estereótipos e preconceitos em torno da temática, assim como o desconhecimento e a apatia da população não-indígena em relação à causa indígena são os principais desafios da atividade. Considera-se que esta foi extremamente positiva, dado que possibilitou ao Grupo e demais participantes das diferentes etapas aprendizados não somente no sentido mais amplo sobre a cultura e a resistência indígena no país, mas também no contexto mais local, no estado do MS e na cidade de Naviraí; além da experiência de conhecer, para além da teoria, como se dá na prática a luta dos indígenas pela garantia de seus direitos constitucionais.

**Palavras-chave:** Conscientização; Comunidade indígena; Ensino; Pesquisa; Extensão.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa federal constituído por grupos de estudantes universitários sob a tutoria de um professor. As atividades desenvolvidas pelos grupos são baseadas no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial, de modo a ampliar a gama de experiências dos acadêmicos, e proporcionar-lhes uma formação acadêmica e cidadã mais completa. Nesse sentido, a permanência do discente durante o período da graduação busca atender, sobretudo, os objetivos de enriquecimento da formação, da atuação enquanto multiplicadores de conhecimento, além do aprimoramento dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (BRASIL, 2006, 2018, 2022).

O “PET Conscientiza” é uma atividade de ensino, pesquisa e extensão do Grupo PET Pedagogia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), criado e implementado em 2010 no câmpus de Naviraí, sob tutoria da professora doutora Maria das Graças Fernandes de Amorim dos Reis. A atividade, que já vem sendo desenvolvida há anos pelo Grupo, visa contribuir para a conscientização da comunidade acadêmica e externa sobre diversos temas, entre eles o Grupo discute a temática “Cultura e Resistência Indígena”, com o intuito de compartilhar informações sobre a história e a resistência dos povos originários do Brasil; desmistificar as constantes discriminações e marginalizações sofridas por esses grupos, motivadas, dentre outros motivos, pela desinformação e preconceito por parte da sociedade; promover o conhecimento e a valorização das culturas indígenas; além de informar sobre questões relacionadas às terras indígenas.

Neste ano de 2022, a atividade foi realizada no decorrer do mês de abril, a partir de algumas ações, entre elas um encontro online do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Sociedade e Políticas (GEPESP), no dia 12/04, com a temática “Panorama histórico da questão indígena em Mato Grosso do Sul”, com participação e exposição do professor da UFMS doutor Victor Ferri Mauro; uma visita, em 22/04, ao Tekoha Mboreviry, em Naviraí; um encontro do Cine PET, via Google Meet, no dia 30/04, com a exibição e debate sobre o filme “Terra Vermelha”, ação que também contou com a participação do professor Victor Ferri Mauro como comentarista; uma entrevista com uma universitária indígena da etnia Guarani/Kaiowá, estudante do 7º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFMS/CPNV; além de postagens envolvendo a temática nas redes sociais do Grupo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O encontro do GEPESP foi realizado via plataforma Google Meet, com discussão sobre o panorama histórico indígena em Mato Grosso do Sul, e contou com a exposição do convidado professor Victor Ferri Mauro, que tem formação em Antropologia e História. Este citou como referência de sua fala o artigo “Expropriação dos territórios kaiowá e guarani: implicações nos processos de reprodução social e sentidos atribuídos às ações para reaver territórios –Tekoharã”, de Levi Marques Pereira (2012).

Primeiramente, o professor convidado fez uma apresentação sobre a ocupação territorial dos povos indígenas e a trajetória histórica desses no estado do MS e no Brasil como um todo, desde o período colonial. Expôs sobre a organização política, econômica e social dos grupos indígenas e sua relação com o meio ambiente. Também comentou sobre como os indígenas foram sendo alocados em reservas e seu modo de ser e viver foi ficando comprometido, desse modo, passaram a vender sua mão de obra em troca de uma baixa remuneração. Além disso, tratou-se sobre a relação dos indígenas com o território que para eles é sagrado, sendo o local no qual viveram seus ancestrais e permanecem seus espíritos.

Discutiu-se que muitas foram as tentativas para modificar as culturas indígenas, tidas como inferiores pelos colonizadores, sendo imposto uma forma de vida que não condizia com seu modo ser e de ver o mundo. Trouxe ainda a história sobre a Companhia Matte Larangeira, a exploração da mão de obra indígena e suas consequências. Ademais, comentou-se como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que é responsável pela promoção e proteção dos direitos dos povos indígenas de todo o território nacional, ao invés de cumprir seu papel, somente tem atuado em momentos que julga necessário fazer uma interferência com medidas para combater determinado confronto. Por fim, deu-se espaço ao debate entre os participantes.

No dia 22 de abril, entre 15 e 17h, parte dos integrantes do Grupo PET Pedagogia e Ciências Sociais da UFMS/CPNV realizou uma visita ao Tekoha Mboreviry, localizado na avenida Iputã, Naviraí-MS, no intuito de obter uma entrevista com uma integrante da comunidade Guarani e Kaiowá do local, visando promover a divulgação da cultura e dos desafios enfrentados pelo grupo indígena. O Grupo PET foi bem recebido, apesar do clima de insegurança por parte da comunidade, devido ao contexto de ameaça de despejo deles do território naquele momento. Explicou-se a intencionalidade da ida ao local, de conhecer a comunidade e de auxiliar na divulgação de sua cultura e causa, anteriormente combinada com

a entrevistada já mencionada. A princípio, demonstraram certo pragmatismo quanto à presença de outras pessoas no local, característico de situações em que os direitos básicos não são atendidos. No entanto, aos poucos a comunidade foi expondo sua realidade e reivindicações.

Eles relataram as suas dificuldades quanto ao preconceito que enfrentam na convivência com a sociedade não-indígena, em que os direitos mais básicos, tal qual o de ir e vir, ficam comprometidos. Comentaram sobre ataques morais que estavam recebendo por parte da população e da imprensa local com o compartilhamento de inverdades sem a constatação dos fatos, além do ataque físico com agressão e queima de casas, havendo assim a necessidade dos próprios moradores atuarem como seguranças e vigiarem o local. Disseram que os brancos não os conhecem e os criticam, são muito preconceituosos e racistas, um exemplo disso é a dificuldade que possuem para encontrar emprego na cidade.

Sobre a reivindicação do território, comentaram sobre a ocupação do local há muito tempo e de outros pontos da cidade. Afirmaram que debateram entre eles a proposta feita pelo órgão público municipal, a qual além de dar-lhes poucas garantias, não representa as verdadeiras necessidades de um coletivo que muito respeita seus integrantes e, sobretudo, a história de seus anciãos e antepassados. Disseram que viviam em brejos, de aluguel, ou de outras formas provisórias e que decidiram unir forças, resistir no local e lutar pela garantia de seus direitos, apesar de lidarem também com uma série de dificuldades ali, como a de acesso à água potável. Também falaram como historicamente o indígena foi pacífico e foi cedendo seu espaço para os não-indígenas, e foi dessa forma que foram sendo marginalizados, mas hoje sabem que as pessoas que querem seus territórios não precisam destes, mas sim visam o próprio enriquecimento, sem respeitar as necessidades e direitos dos outros.

Outra questão levantada foi sobre a importância e os desafios dos estudos para os indígenas, tendo em vista a inclusão efetiva destes nas escolas, uma vez que nas salas de aulas não são devidamente atendidos. O maior obstáculo refere-se à Língua. Muitas crianças não conhecem nada da Língua Portuguesa. Por conta disso, todos anseiam também por uma escola na comunidade, com melhores condições de trabalho para uma professora bilíngue que atualmente já atua ali sem estrutura mínima. Um integrante disse ainda que pretendia ingressar na UFMS pelo Sou UFMS, mas não pode pois não tinha acesso a internet.

Por fim, um fato curioso é que por várias vezes essas pessoas reafirmaram sua igualdade com os não-indígenas, no sentido de serem uma comunidade e defenderem sua família, por sentirem que não são compreendidos e são tidos como inferiores por aqueles que os julgam e

não manifestam nenhum tipo de compaixão, ao contrário, que se deixam ser dominados pela ignorância e por preconceitos. Por esse motivo, nos disponibilizaram vídeos produzidos pela comunidade para levar uma mensagem aos não-indígenas e apoiadores da causa, no intuito de dar visibilidade à luta deles. Além disso, o grupo mantém contato com a comunidade, no sentido de contribuir no atendimento de alguma outra demanda deles.

O Grupo PET também realizou uma entrevista com uma acadêmica indígena da etnia Guarani/Kaiowá, graduanda do 7º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFMS/CPNV. A seguir, são apresentados os questionamentos realizados à discente bem como as respostas obtidas.

1) Para você, o que significa ser indígena? E mais do que isso, o que é ser indígena no Brasil nos dias atuais? “Ser indígena é viver e resistir sempre, lutar pelos nossos interesses para que os nossos direitos sejam respeitados. É o que os nossos antepassados fizeram e o que continuamos fazendo hoje, e os nossos filhos e netos continuarão fazendo no futuro, porque ser indígena é mais do que pintar o rosto e o corpo todo e se fantasiar”.

2) Conte-nos um pouco sobre o local em que você nasceu e cresceu e as principais diferenças que identifica em relação à cidade. “Eu Diene Duarte, da etnia Guarani/Kaiowá, nasci na aldeia Sassoró, no município de Tacuru, nasci e cresci neste local rodeado de matas e rios e cachoeiras, onde tinha a liberdade de brincar, correr, explorar o espaço sem medo, crescer na aldeia é isso, ter liberdade como um passarinho. Pelas poucas vezes que tive contato com a cidade não vejo isso acontecendo com as crianças da cidade, elas vivem dentro de casa ou fica dentro do quintal”.

3) Comente sobre a sua experiência na Universidade. Quais são os maiores desafios e o que poderia ser feito para tornar esse ambiente mais inclusivo aos indígenas? “Estar na Universidade é uma experiência nova, não sou acostumada a frequentar esse tipo de ambiente, aos poucos fui me adaptando onde acontece a troca de experiências que vai enriquecer muito o meu conhecimento e pretendo atuar posteriormente. Meu maior desafio é sair da minha comunidade todos os dias e enfrentar um novo trajeto até a cidade de Iguatemi, e de Iguatemi são mais 125 km até a Universidade, no caminho enfrento preconceitos, dificuldades financeiras etc. Os desafios de uma acadêmica indígena são intensos. Acredito que para tornar um ambiente mais inclusivo primeiramente precisa ser valorizada as diferenças culturais dos povos indígenas”.

4) Qual é a sua opinião sobre o "Dia do Índio", tendo em vista que é uma data ainda muito marcada pela reprodução de estereótipos? “Como indígena esse dia é muito importante

para mim. É o dia de mostrar e preservar a nossa cultura, memória e hábitos. E também mostrar a importância que os povos indígenas têm, como preservar a natureza. É despertar a atenção dos poderes públicos políticos para que vejam a sobreguarda desses hábitos e costumes”.

A respeito das postagens realizadas nas redes sociais, elas foram sobre a Articulação dos Povos Indígenas (APIB); dia dos povos indígenas; os vídeos produzidos pela comunidade Guarani/Kaiowá do Tekoha Mboreviry; os artistas indígenas de Mato Grosso do Sul; a divulgação do encontro de exibição do documentário “Terras Brasileiras” e da manifestação em prol do Tekoha Mboreviry, organizados pela professora de Antropologia do câmpus; entre outras informações sobre as outras etapas da atividade.

Por fim, foi realizada a atividade Cine PET, com exibição do filme “Terra Vermelha”, uma indicação do professor Victor ao final de sua fala no encontro do GEPESP, realizada via Google Meet, no sábado (30/04), às 17h (horário local). De forma geral, o filme trata sobre a luta dos indígenas Guarani/Kaiowá pela retomada de seu território no estado de Mato Grosso do Sul e questões relacionadas, tais como as violências que enfrentam e os casos de suicídio na comunidade, também a relação entre indígenas e não-indígenas e conflitos de interesses entre gerações. No debate a respeito do filme, comentou-se sobre a imagem dos indígenas transmitido neste, a qual é bem vista por uns e criticada por outros; a simbologia das cenas; a religião e o significado do suicídio entre os indígenas Guarani e Kaiowá; além da política interna indígena; entre outras questões abordadas no filme.

### **3 RESULTADOS, DESAFIOS E APRENDIZADO**

A atividade “PET Conscientiza” sobre a temática em questão foi extremamente positiva, dado que possibilitou ao Grupo e demais participantes das diferentes etapas promover e realizar reflexões não somente no sentido mais amplo sobre a cultura e a resistência indígena no país, mas também no contexto mais local, no estado do MS e na cidade de Naviraí; além da experiência de conhecer, para além da teoria, como se dá na prática a luta dos indígenas pela garantia de seus direitos constitucionais.

A experiência de visita ao tekoha Mboreviry, apesar de breve, nos proporcionou grandes aprendizados. Conhecemos na prática, realidade nua e crua, aquilo que tivemos contato em aulas da graduação. Compreendemos que a resistência indígena, para além de uma palavra bonita de empoderamento, significa muita força e ao mesmo tempo sofrimento, descaso do poder público local e desrespeito por parte da população não-indígena, que ao se deixar levar

por inverdades carregadas por estereótipos e preconceitos, que ao não dar apoio na visibilidade da causa é conivente com a situação vigente.

Foi possível adquirir um pouco de conhecimento sobre o movimento indígena e as culturas dos povos indígenas no estado, bem como os desafios enfrentados pelos indígenas na área da educação, tanto em relação ao ensino básico, a respeito das crianças que não tem acesso ao ensino bilíngue nas escolas, quanto ao ensino superior, que como visto são vivenciados pela acadêmica da UFMS/CPNV.

Os aprendizados foram vários, mas um importantíssimo é que a sociedade precisa ser mais ativa no sentido de defesa dos interesses e direitos dos indígenas, porém anteriormente a isso ainda necessita do básico: o respeito. Isso se nota em vários sentidos, mas um deles é a inevitabilidade dos indígenas de tentar provar sua igualdade e que possuem as mesmas necessidades enquanto ser humano, fato que a sociedade em geral ignora, mantendo práticas discriminatórias em relação a eles.

Nesse sentido, pode-se observar que os desafios de uma atividade que trata sobre a temática indígena são justamente o ainda desconhecimento e o preconceito da população não-indígena a respeito deles e a apatia quanto à causa indígena, mas essa também é a questão que motiva essa atividade, a qual visa a conscientização de todos por meios diversos, tais como a pesquisa e o debate, a divulgação de vídeos, exibição de filme, a realização de entrevistas e o compartilhamento de relatos de quem vivencia cotidianamente a problemática da invisibilização e da discriminação.

Tendo isso em mente, conclui-se que atividades como essa, pautada no pilar universitário e que tem como objetivo a conscientização da população sobre temáticas de caráter social, são extremamente necessárias. Tais vivências são importantíssimas para os acadêmicos integrantes ou não do PET, tanto no sentido de enriquecimento da formação profissional e pessoal quanto no de poder contribuir minimamente para que a sociedade supere pensamentos ultrapassados e dê espaço para o respeito à diversidade humana.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **CPNV UFMS**. PET: PET Pedagogia e Ciências Sociais CPNV. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022. Disponível em: <https://cpnv.ufms.br/cursos/pedagogia/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

BRASIL. **Portal MEC**. Apresentação - PET. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

BRASIL. **Portal MEC**. Manual de Orientações - PET. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/232-programas-e-acoes-1921564125/pet-programa-de-educacao-tutorial-645721518/12228-manual-de-orientacoes-pet>. Acesso em: 13 mai. 2022.